

Gratos & Ingratos

João Carlos e João Pedro estão sentados no meio-fio, na esquina do semáforo principal. Entre a abertura e fechamento do farol são três minutos, cronometrados no relógio de João Pedro.

São dez horas da manhã. João Carlos está preocupado e cansado, trabalhou a noite toda fazendo bico como segurança num posto de gasolina, porém o dono não compareceu pela manhã para acertar seu pagamento. João Pedro acabou de acordar, tomou café, saiu e encontrou o colega no farol.

João Carlos tem 35 anos, João Pedro 29.

João Carlos tem família, esposa e quatro filhos, João Pedro mora com a mãe viúva e doente.

João Carlos está desempregado há quatro anos, vive de bicos e esmolas para sustentar sua família. João Pedro nunca trabalhou na vida, é sustentado pela aposentadoria da mãe, pouco mais de um salário-mínimo.

Apesar dos primeiros nomes em comum não são parentes, nem mesmo amigos, apenas conhecidos. Conheceram-se na favela do Coruja, onde João Carlos foi morar há dois anos, João Pedro mora lá desde que o pai morreu, há vinte anos.

O farol fecha. João Carlos pega a fila da direita, de carro em carro, alguns mantém o vidro totalmente fechado, outros, mesmo com os vidros abertos não lhe dão atenção. João Carlos está desesperado, sabe que os filhos não comem desde o almoço do dia anterior. Bate na janela com cuidado e educação: Por favor moço, o senhor poderia me arrumar um trocado para o leite das crianças, pelo amor de Deus. Vai trabalhar vagabundo. Ouviu do primeiro. Fala a verdade, é pra cachaça não é. Diz o segundo com um sorriso irônico. No terceiro carro uma senhora diz, sem abrir o vidro: Não tenho dinheiro nenhum, por favor me deixe em paz. No carro de trás um senhor abre o vidro alguns centímetros e joga uma moeda de dez centavos, que João abaixa-se para pegar, e levanta-se para agradecer. O homem não lhe dá atenção. Na fila da direita, João Pedro encosta no primeiro carro: Bom dia senhora, você poderia me dar um minuto da sua atenção. Minha mãe está muito doente estamos passando por dificuldades, meu pai morreu quando eu tinha nove anos, não consigo emprego, moro na favela de favor, não temos o que comer, a senhora poderia me ajudar com qualquer trocado, é melhor pedir que roubar... Antes que João Pedro pudesse concluir seu falatório, a senhora tira dois reais da bolsa e lhe estende a mão, pelos quais ele não agradece e parte para o segundo carro; nesse nem precisou dizer nada, mais um real. No terceiro, com o farol já aberto, e os carros da frente em movimento um senhor lhe espera aproximar do carro e estende-lhe

uma nota de cinco reais. Os dois voltam entre os carros para a calçada. João Carlos aparenta agora mais desanimo, João Pedro está feliz.

No final do dia João Carlos parte cabisbaixo para a favela, o pouco dinheiro que recebeu mal dará para comprar o leite e um quilo de arroz. Precisa correr, tem que passar na mercearia, levar os alimentos pra casa e voltar ao posto de gasolina para mais uma noite de serviço, por um momento seu rosto esboça um pequeno sorriso, lembra-se que não recebeu o pagamento da noite anterior, então, caso o patrão apareça no dia seguinte terá duas noites para receber. João Pedro pega o sentido contrário da avenida, está sorridente, arrecadou o equivalente a quase metade do que sua mãe recebe da aposentadoria de um mês inteiro. Faz as contas, calcula que com esse dinheiro comprará drogas para seu consumo de mais dois dias e ainda poderá passar a noite toda bebendo no bar da favela.